

MÃOS QUE COMUNICAM VIDA: A PESSOA COM SURDEZ E SOBREDOTAÇÃO

Tereza Liduina Grigório Fernandes
tereza.ufal@yahoo.com.br

Maristela Lage Alencar
lagealencar@secrel.com.br

Andréia Serra Azul da Fonseca
andreiasaf@yahoo.com.br

Universidade Federal do Ceará

Resumo

O grande desafio escolar consiste em propiciar estratégias que desenvolvam seu potencial intelectual, criativo e social. Daí, a necessidade de centralizar a ação pedagógica em suas capacidades, competências e habilidades. Acredita-se, desse modo, que o professor terá mais êxito em seu trabalho escolar à medida que puder identificar a motivação do seu aluno em determinada área do saber ou do fazer. Nesse sentido, o potencial intelectual limitado pela deficiência auditiva não representa impedimento para o reconhecimento da inteligência acadêmica representado num relato de vida de uma pessoa com limitações sensoriais. Ficando evidenciado que nos dias atuais caracterizados pela sociedade de informação, sendo o conhecimento uma fonte de riqueza continuamente renovada deve-se evitar o desperdício da capacidade humana. Esta investigação adota a metodologia do estudo de caso, utilizando como instrumentos a observação e entrevista. No caso do aluno surdo, pode-se afirmar que suas potencialidades são silentes, tanto porque se ocultam em um mundo do silêncio, como porque são ignoradas, com resultados em Quociente de Inteligência (QI), que além de oneroso, são de uso restrito do psicólogo. Podemos concluir que a inteligência também se manifesta, igualmente, em pessoas com deficiência, usualmente definidas pelos déficits que apresentam ao invés de suas competências.

1 INTRODUÇÃO

A ampla esperança que a humanidade havia depositado na invenção de uma “máquina pensante”, na crença que a inteligência artificial haveria de ser mais eficiente do que a humana, que a capacidade de resolver problemas seria em tempo transferida do ser humano para outras entidades tecnicamente mais perfeitas, não emergiu (GUENTHER, 200).

As atividades de lazer, do mesmo modo, com o advento de equipamentos eletrônicos e de comunicação, como videogames e computadores, demandam acentuado poder de concentração e raciocínio, cooperando para a estruturação de habilidades cognitivas múltiplas. Dessa forma, não raro as crianças utilizam o computador, assistem à televisão e escutam música simultaneamente, exercitando memória e atenção difusa, com a conseqüente capacidade de sustentar a concentração em várias atividades concomitantes. Destarte, até mesmo o lazer

solicita elementos educativos, pois se faz necessário estar atualizado e bem informado em situações de convívio social.

Como decorrência, um novo modelo de escola deve possibilitar a exposição e o desenvolvimento das atuais motivações educacionais. Os alunos se encontram mais interessados em entender processos do que memorizar dados e modos de socialização, resultante seguramente, da ação conjugada de variados fatores - revolução da informática que amplia o universo do indivíduo - pondo-o em contato com diferentes culturas, idiomas e costumes.

Os professores, devido ao contato direto com crianças e jovens, são os profissionais da Educação mais indicados para identificar a inteligência do aluno (habilidades e competências), surdo ou ouvinte, pois podem observar, formal e informalmente as atividades e comportamentos revelados na dinâmica da sala de aula, assim como, sinalizar talentos gerais e específicos.

Numa concepção pedagógica utópica, em turmas de alunos com vários graus de capacidade, o ensino deveria explorar um mesmo tema ou assunto, em níveis diversos de amplitude e profundidade, todavia a maioria dos professores demonstra uma tendência natural a sintonizar o nível das aulas pela faixa de capacidade média do grupo.

A sala de aula comum deveria ser um espaço seguro e estruturado, promotor de potencialidades e adequação afetiva/social. Para tanto, faz-se necessário, dentre outras medidas: i) melhoria da qualidade dos serviços ofertados por meio da capacitação de recursos humanos e avaliação dos planos educacionais; ii) maior participação das pessoas com NEEs nos processos de tomadas de decisões a seu respeito; iii) direito à igualdade de oportunidade desiguais, segundo as características e necessidades de cada indivíduo. Urge lembrar que o desconhecimento e a omissão têm sido os grandes responsáveis pela carência de ofertas educacionais, o que agrava a problemática desses alunos; acrescente-se as barreiras atitudinais e a frágil vontade política de oferecer-lhes atendimento educacional especializado. UNESCO, 1981.

Nesse sentido, o ambiente escolar deve ser um espaço que assegure às pessoas com NEEs uma participação tão plena quanto possível, proporcionando o progresso das suas potencialidades, logo, apreciada em função de suas competências. (BRASIL, 1999a; BRASIL, 1999b; ALENCAR, 2002).

A literatura especializada argumenta que a inteligência apresenta-se em todas as raças, gêneros, camadas sociais e econômicas (BRASIL, 1999a; BRASIL, 1999b). Ademais, a oferta de ambientes educacionais ricos em estímulos favorece o desenvolvimento democrático das potencialidades, daí, ser imprescindível ao alunado com deficiência.

Buscando discutir sobre altas habilidades/superdotação, associada à deficiência auditiva, abordar-se-á a história de vida de uma criança. Justifica-se em razão da pessoa com deficiência

auditiva ser comumente considerada, por seus professores e familiares, como limitadas intelectualmente, diante de sua dificuldade de comunicação.

2 POTENCIALIDADES SILENTES

Crianças surdas em sua maioria provêm de famílias ouvintes, nas quais a língua é usada na sua modalidade oral, inacessível, portanto, a quem não ouve; por não partilharem a língua com a família, geralmente são privadas das atividades que envolvem conversas e histórias, ao contrário das crianças ouvintes, que dominam a linguagem oral e compreendem a leitura e escrita, em decorrência da interação com seus familiares e amigos. (PEREIRA, 2004).

De acordo com a Resolução do CNE 02/2001, a educação de alunos surdos pode ser bilíngüe, deixando a escolha da abordagem pedagógica para a família. Para isso, os pais devem ter o conhecimento de que existem duas formas de realizar a educação bilíngüe: língua portuguesa e língua de sinais. O ensino da língua portuguesa para surdos na modalidade oral e escrita deve ser oferecido em momentos distintos da aquisição da língua de sinais, no intuito de evitar o bimodalismo. O importante é permitir a construção de uma linguagem elaborada, dependendo, para isso, da estimulação recebida ou de características individuais de cada criança com surdez. (BRASIL, 2002).

Na pessoa com surdez, deve-se ressaltar o papel da língua de sinais (Libras): possibilita às pessoas surdas a participação em interações semelhantes às vivenciadas pelas pessoas ouvintes. Logo, o surdo, igualmente, pode demonstrar desempenhos notáveis diante de determinados contextos e situações de vida, possibilitando-lhe apontar e ampliar seus interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem.

Em 2002, com a sanção da Lei No. 10.436, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e outros recursos de expressão associados passou a ser “reconhecida como meio legal de comunicação e expressão” (art. 1º.) e compreendida como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas no Brasil” (Parágrafo único) (PRIETO, 2004).

A inteligência se apresenta de diversas maneiras, não se limitando ao conhecimento escolar. As primeiras formas de identificação de altas habilidades se reportam aos testes de Quociente de Inteligência (QI), que exploram sobretudo habilidades matemáticas e verbais excluindo as expressões musicais e motoras, dentre outras, que também constitui manifestações inteligentes (ANASTASI, 1977; ANASTASI, & URBINA, 2000; GARDNER, 1995).

Alunos com altas habilidades/superdotados e talentososⁱ pertencem à clientela da Educação Especial, como também pessoas que apresentam outras deficiências. Essas pessoas possuem direitos de desenvolver suas capacidades, amparada legalmente por leis nacionais e internacionais.

Ao longo dos anos, em vários grupos culturais e em diferentes momentos histórico-sociais, temos ouvido falar, de forma muitas vezes deformada e desvirtuada, das pessoas com altas habilidades. Dentre os equívocos e controvérsias sobre tal assunto adaptar-se-á como referência a conceituação do professor e pesquisador Renzulli, que apresenta um diagrama denominado Modelo dos Anéis, constituído de três anéis em cuja interseção estariam as pessoas superdotadas (RENZULLI, 2004, METTRAU, 2000):



Na concepção de Renzulli as habilidades de superdotação resultam de três conjuntos de traços, RENZULLI, 2004:

Habilidade acima da média – seriam os comportamentos observados, relatados ou demonstrados por confirmarem a expressão de traços superiores em qualquer campo do saber ou do fazer. Tais traços devem ser percebidos em repetidas situações e mantidos ao longo de período de tempo;

Criatividade – comportamentos visíveis através da demonstração de traços criativos no fazer ou no pensar, expresso em diferentes linguagens tais como: falada, gestual, plástica, teatral, matemática, musical, filosófica ou outras, apresentada em intensidade e níveis diferenciados;

Envolvimento com a tarefa – comportamentos observáveis através de expressivo nível de interesse, motivação e empenho pessoal nas tarefas que realiza.

No decorrer da história, muitas perspectivas e teorias surgiram e acabaram por influenciar na abordagem das questões relativas à inteligência. Dentre as teorias encontradas a respeito da inteligência Mettrau (2000) destaca: Teoria das Inteligências Múltiplas, desenvolvida por Howard Gardner, que define a inteligência como a “capacidade de resolver problemas e de elaborar produtos valorizados em um ou mais ambientes culturais e comunitários”.

Nesse estudo Gardner (1994) assim apresenta os fundamentos teóricos das inteligências múltiplas:

Uma concepção intelectual humana deve apresentar um conjunto de habilidades [que capacitem] o indivíduo a resolver problemas ou diferenças genuínos que ele encontra e, quando adequado, a criar um produto eficaz; e deve também apresentar um potencial para encontrar ou criar problema por meio disso propiciando o lastro para a aquisição de conhecimento novo (p.46).

Com efeito, Gardner apresenta o conceito de inteligência como “um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura” (1995, p.47).

Com essa idéia, anula-se a crença de o indivíduo ser “inteligente” ou “idiota”, e sim, que as inteligências são potenciais que podem ou não ser ativados de acordo com os valores da cultura específica, oportunidades disponíveis e decisões pessoais tomadas por indivíduos ou famílias, professores e outros.

Com base nesses conceitos, Gardner (1994, 1995), estabelece oito princípios básicos que permitem a identificação das inteligências múltiplas:

Inteligência linguística – capacidade de lidar criativamente com palavras e usá-las de forma efetiva com a língua corrente e com o sentido das mensagens, podendo ser oral ou escrito. Constatada, com evidência em escritores, advogados, radialistas, poetas;

Inteligência lógico-matemática – capacidade para desenvolver raciocínios dedutivos e vislumbrar soluções de problemas, bem como a facilidade em lidar com números de forma efetiva ou com outros objetos matemáticos, envolvendo cálculos ou transformações. Essa

inteligência pode ser detectada mais claramente em profissionais como: engenheiros, físicos, matemáticos, mestre de obras, dentre outros;

Inteligência espacial – refere-se à competência espacial para a percepção e administração do mundo visoespacial, direção no espaço concreto ou abstrato, realização de transformações sobre essas percepções e orientação apropriada em uma matriz espacial. Pode ser observada em marinheiros, geógrafos, arquitetos, exploradores.

Inteligência cinestésico-corporal – refere-se à facilidade em solucionar problemas relacionados ao corpo; perícia em trabalhar com objetos envolvendo o corpo como um todo ou em partes, expressando idéias e/ou sentimentos, produzindo ou transformando coisas. Podem ser constatados em atletas, artistas, bailarinos, atores, mecânicos, cirurgiões dentre outros;

Inteligência musical – diz respeito à facilidade em perceber, discriminar, transformar ou se expressar através dos diferentes tipos de sons, instrumentos musicais, sons naturais e musicais. Além disso, favorece a distinção de melodias, timbres, tons, ritmos e frequências; patente em músicos, compositores, intérpretes, instrumentalistas, maestros, dentre outros;

Inteligência interpessoal – capacidade de relacionar-se bem com os outros, de perceber, compreender e fazer distinções das sensações alheias (humor, intenções, motivações), de ter empatia com o próximo. Essa sensibilidade está associada a expressões faciais, voz ou gestos. Detectada, claramente, em líderes, sindicalistas, políticos, professores, dentre outros;

Inteligência intrapessoal – capacidade de autocontrole, de conhecer os próprios limites e potenciais, estar bem consigo mesmo, administrar suas próprias sensações, sua auto-estima, autodisciplina e auto-imagem, agindo de forma adaptativa com base nesses conhecimentos. Observada em psicólogos, terapeutas, assistentes sociais, comerciantes, dentre outros;

Inteligência naturalista – revela-se por meio de uma grande capacidade no reconhecimento e na classificação de numerosas espécies da flora e da fauna de seu meio ambiente, podendo ser identificada através da atração pelo meio natural, sensibilidade ao ver paisagens nativas, sentimento de êxtase ao estar em contato com este tipo de ambiente, a facilidade de entender e perceber as diferenças entre tipos de animais e plantas. Pode ser localizadas em botânicos, geógrafo, jardineiros, zoólogos, veterinários, dentre outros.

As habilidades, por conseguinte, servem de suporte para que as demais inteligências possam ser desenvolvidas. Confirmando essa idéia Armstrong (2001) afirma que “a teoria das inteligências múltiplas enfatiza a rica diversidade de formas pelas quais as pessoas mostram seus talentos dentro de uma inteligência e também entre inteligências”. Excetuando-se alguns seres excepcionais, todos possuem algum potencial em cada uma das inteligências.

No que diz respeito a educação escolar, o conceito de inteligência se apóia em muitas instituições, ainda, no referencial sugerido por Binet: acreditava-se que a pessoa inteligente era que se expressava com clareza e competência para dominar desafios da matemática. Os saberes corporais, emocionais, artísticos, naturalistas e outros “moravam” fora da escola, pois na sala de aula apenas se exaltavam essas propriedades (ANTUNES, 2006).

3 Relato de vida

Este estudo de caso relata a vida de Alberto (nome fictício), 12 anos, estudante do 6º. Ano do Ensino Fundamental de uma Escola Especial para deficientes auditivos. Surdo e com altas habilidades/superdotação apresentava, ainda, diagnóstico de hiperatividade, conforme sua ficha escolar. Neste relato, necessitou-se do apoio de um intérprete da Língua de Sinais para intermediar as comunicações com esse aluno e seu convívio com outros alunos surdos. Como refere RUIZ (2007, p. 31) “... só conseguimos nos transformar quando transformamos nossa realidade. Por sua vez, só a transformamos porque somos transformados por ela”.

Trechos do relato de Alberto:

“ – Moro com uma avó e um irmão com 19 anos que é ouvinte. Quando era criança, tinha um amiguinho também surdo. Minha comunicação com as pessoas era através de gestos, porque não sabia muito a língua de sinais”.

“ – Quando vim estudar aqui no ICES, já sabia ler e escrever, mas não sabia muito os sinais (Libras). Aprendi com meus colegas e o professor de Libras, que também é surdo. Vim com minha avó. É ela quem ensina meus deveres. Nesta escola tem muitos meninos danados. Eu só tenho quatro amigos e queria mesmo estudar de manhã, mas não tem a minha série”.

O aluno Alberto foi alfabetizado em idade precoce, sinalizando uma característica e/ou possível indicação de altas habilidades.

Embora a avó não soubesse que Alberto apresentava altas habilidades, atuou de forma presente enquanto família, com atenção e carinho ajudando-o a construir uma auto-estima sólida e formando gradativamente um forte pilar para uma realização futura.

Dessa forma,

Se a família não atuar paralelamente e em interação com a escola, pode anular qualquer ação desta. Sendo o profissional educador um colaborador da família na educação da criança cabe-lhe desenvolver com ela ações conjugadas. BRASIL (1999, p.23)

A família, nessa perspectiva, desempenha um papel importante, no momento em que estimula a observação do ambiente no qual seu filho está inserido, ensinando-o a olhar para ver, usar as mãos para aprender, de forma que casa e escola precisam estar em sintonia, no que diz respeito às regras e oportunidades de desenvolvimento de potencialidades da pessoa com altas habilidades e surdez.

Alicerçado nos critérios apresentados nas inteligências múltiplas de Gardner (1994) pode-se perceber a inteligência naturalista no sujeito, ao demonstrar enorme predisposição para explorar o mundo da natureza, a vida dos dinossauros ou outras espécies e uma grande capacidade de compreender o comportamento animal. Revelou esse interesse expresso na sua “fala”.

A seguir uma seqüência da entrevista feita a criança:

- O que você mais gosta?
- “Gosto de animais. Sei o nome de todos os dinossauros. Gosto muito de cachorro e macaco. Já tenho um cachorro, agora o macaco, vou ver... Gosto de desenhar dinossauros, leão e baleia, de observar animais , como as formigas. Gosto de imitar os bichos, mas também gosto muito de ler”.
- E esportes?
- “- Gosto de futebol, mas não gosto de vôlei, handball, fumo e drogas”.

A professora de Alberto, por ocasião da entrevista, revelou que o aluno demonstrava habilidade em matemática e ciências, imaginação, rapidez de raciocínio e criatividade, dando indícios de inteligência acadêmica. Além do mais, a aquisição da Língua de Sinais em um curto período de tempo em relação aos outros alunos surdos, despertou a atenção da professora de Libras. Por esse motivo, o aluno foi solicitada uma avaliação pedagógica no Centro de Atendimento ao Surdo (CAS) pela equipe de profissionais do Núcleo de Convivência.

Conforme o resultado da avaliação realizada com o aluno, família e professoras, foi diagnosticado que Alberto apresentava habilidades na área acadêmica, preenchendo dois indicadores de acordo com o Modelo dos Três Anéis: aptidão acima da média e criatividade, evidenciado como aluno talentoso na concepção de Renzulli., 2004.

O atendimento à pessoa com altas habilidades/superdotação está previsto pela LDB 9394/96, Cap. V da Educação Especial, Art. 59, Inciso II, que assim se pronuncia:

Terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir nível exigido para a conclusão do Ensino Fundamental em virtude de suas deficiências e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para superdotados.

O Ministério de Educação propõe vários tipos de atendimento, prevendo Programas de Aceleração, Enriquecimento, Atividades Especiais na tentativa de investir nos talentos como decisão política de acesso ao desenvolvimento de cada indivíduo segundo seus potenciais. O que geralmente acontece, é que as instituições, e particularmente as escolas comuns, não estão preparadas e infelizmente não se mostram favoráveis em permitir a inserção desses Programas.

Fernandes e Viana, 2008, ressaltam que apesar dessas considerações, ainda existem dificuldades no que diz respeito a uma adequada elaboração de recursos instrumentais para uma modalidade de avaliação capaz de contribuir para a autonomia e crescimento dos alunos com NEEs. Por esse motivo, o professor e a comunidade escolar devem se esforçarem para modificar, junto ao aluno, a sua “suposta” história de fracasso anteriores, estabelecendo laços entre suas capacidades e o rendimento escola.

3 CONCLUSÕES

O estudo de caso de um aluno surdo que apresentou, também, inteligência acadêmica acima da média, derruba o preconceito de que as pessoas com deficiência, usualmente definidas pelos déficits poderão apresentar altas habilidades. Pode-se considerar que suas potencialidades são silentes, tanto porque se ocultam em um mundo do silêncio, como porque são ignoradas.

Bibliografia

- ALENCAR, M. L. Alunos com necessidades educacionais especiais: análise conceitual e implicações pedagógicas. In: MAGALHÃES, R. C. B. **Reflexões sobre a diferença: Uma introdução à Educação Especial**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p.85-91.
- ARMSTRONG, T. **Inteligências múltiplas na sala de aula**. 2ª. Ed. Porto Alegre, Artmed, 2001.
- ANASTASI, A. **Testes psicológicos**. São Paulo: E. P. U., 1977.
- ANASTASI, A. & URBINA, S. **Testagem psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- ANTUNES, C. **Inteligências múltiplas e seus jogos: inteligência ecológica**. Vol. 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____ Educação de surdos: múltiplas faces do cotidiano escolar. **Anais do Congresso** – INES. 22^a. 24/set/2004. Rio de Janeiro. MEC/SEESP. 2004.

BRASIL. **Estratégias e orientações pedagógicas para a educação de crianças com necessidades educacionais especiais:** dificuldades de comunicação e sinalização. Surdez/SEESP – Brasília: MEC/SEESP, 2002.

BRASIL. **Programa de capacitação de recursos humanos do Ensino Fundamental:** superdotação e talento. Vol.1, fascículo V-VI-VII / Leila Magalhães Santos (coordenadora), Natália Pacheco de Lacerda Gaioso, colaboração Vera Lúcia Palmeira Pereira. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 1999a.

_____ **Programa de capacitação de recursos humanos do Ensino Fundamental:** superdotação e talento. Vol.2, fascículo V-VI-VII / Leila Magalhães Santos (coordenadora), Natália Pacheco de Lacerda Gaioso, colaboração Vera Lúcia Palmeira Pereira. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 1999b.

FERDNEDES, T.L.G e VIANA, T.V. Alunos com necessidades educacionais especiais (NEEs): avaliar para o desenvolvimento pleno da capacidade de todos. In VIANA, T.V, RIBEIRO, A.P.M e CIASCA, M.I.F.L (orgs.) **Avaliações Educacionais: sentidos e finalidades.** Fortaleza, RDS, 2008

GARDNER, H. **Estruturas da mente;** a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 1994.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas:** a teoria na prática. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

GUENTHER, Z. C. & FREEMAN, J. **Educando os mais capazes.** São Paulo: EPU, 2000.

LANDAU, E. **A coragem de ser superdotado.** S. Paulo; Arte & Ciência, 2002.

METTRAU, M. B. **Inteligência:** patrimônio social. Rio de Janeiro: Dunya Ed., 2000.

PEREIRA, M. C. C. Leitura, representação e surdez. Mesa redonda: Literatura e surdez / Libras. In: Surdez e escolaridade: desafios e reflexões. **Anais (Org.) INES.** Rio de Janeiro, 2004.

PRIETO, R. G. Política Educacional Brasileira pós 1988: o que podemos dizer sobre a escola para todos, na perspectiva do atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais? In: Conferência Nacional: Políticas Educacionais Públicas no Brasil. **Anais (Org.) INES.** Rio de Janeiro, 2004.

RENZULLI, J. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. Trad. de Susana Graciela Pérez Barrera Pérez **Educação,** Porto Alegre – RS, n.1, ano XXVII, p.75-131, jan./abr. 2004..

RUIZ, E. M. A relação entre ação e pensamento: algumas contribuições de Gramsci. In: **Trabalho, Filosofia e Educação no Espectro da Modernidade Tardia.** (Org.) Adriana e Silva Sousa. Elenilce Gomes de Oliveira. [et al]. Fortaleza: Edições, UFC, 2007.
UNESCO. **Declaração de Cuenca** - Equador, 1981.

ⁱ Traços consistentemente superiores em relação a uma média em qualquer campo do saber ou do fazer (BRASIL, 1999a).